

Antonio Marcos de Almeida Ribeiro
Liliane Lemos Santana Barreiros
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

UNIDADES FRASEOLÓGICAS NA OBRA *CASCALHO* DE HERBERTO SALES: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE OS SEUS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

RESUMO

O trabalho traz algumas das unidades fraseológicas presentes no romance *Cascalho* (2011) do escritor Herberto Sales, que explicitam as marcas do léxico regional da região da Chapada Diamantina, na Bahia. Para tanto, a fundamentação teórico-metodológica está embasada na Fraseologia, ancorada nos trabalhos de Pottier (1977), Corpas Pastor (1996) e Aragão (2016). As unidades fraseológicas apresentadas elencam fórmulas representativas de diálogos de seus personagens. Essas unidades são expressões de uso cotidiano que revelam as marcas linguísticas da comunidade, as quais redimensionam o estudo sociocultural de uma região. Revelam-se como uma fonte de informações sobre a linguagem regional que evidencia um uso particular daqueles que compartilham o espaço do garimpo. Com isso, é possível perceber valores ideológicos perpetuados e tradições cristalizadas tendo em vista que a língua deve ser estudada em sua relação mais estreita com a sociedade e a cultura. Os estudos voltados para a Fraseologia mostram a importância da relação entre língua e aspectos socioculturais. Nesse sentido, a análise proposta contribui para um maior conhecimento das marcas do léxico regional na Chapada Diamantina-BA.

Palavras-chave: Lexicologia. Unidades fraseológicas. *Cascalho*.

PHRASEOLOGICAL UNITS IN *CASCALHO* OF HERBERTO SALES: A BRIEF DISCUSSION ON ITS SOCIOCULTURAL ASPECTS

ABSTRACT:

This work presents some of the phraseological units present in the novel *Cascalho* (2011) by the writer Herberto Sales, which explains the regional lexicon of the Chapada Diamantina region of Bahia. For this purpose, the theoretical-methodological foundation is based on Phraseology, anchored in the works of Pottier (1977), Corpas Pastor (1996) and Aragão (2016). The phraseological units presented list representative formulas of dialogues of their characters. These units are expressions of everyday use that reveal the linguistic marks of the community, which redimension the socio-cultural study of a region. They reveal themselves as a source of information about the regional language that evidences a particular use of those who share the space of the mining. Thus, it is possible to perceive ideological values perpetuated and traditions crystallized in view that the language must be studied in its closer relation with the society and the culture. The studies focusing on Phraseology show the importance of the relationship between language and sociocultural aspects. Therefore, the proposed analysis contributes to a better knowledge of the regional lexicon brands in Chapada Diamantina-BA.

Keywords: Lexicology. Lexicology. Phraseological units. *Cascalho*.

UNIDADES FRASEOLÓGICAS EN LA OBRA *CASCALHO* DE HERBERTO SALES: UNA BREVE DISCUSIÓN SOBRE SUS ASPECTOS SOCIOCULTURALES

RESUMEN:

El trabajo trae algunas de las unidades fraseológicas presentes en la novela *Cascalho* (2011) libro del escritor Herberto Sales, que explicita las marcas del léxico regional de la región de la Chapada Diamantina, en Bahia. La fundamentación teórico-metodológica está basada en la Fraseología, en los trabajos de Pottier (1977), Corpas Pastor (1996) y Aragão (2016). Las unidades fraseológicas presentadas listan fórmulas representativas de diálogos de sus personajes. Estas unidades son expresivas de uso diario que revelan las marcas lingüísticas de la comunidad, en donde se redimensionan el estudio sociocultural de una región. Se revelan como una fuente de informaciones sobre el lenguaje regional que evidencia un uso particular de aquellos que comparten el espacio del garimpo. Por lo tanto, es posible percibir valores ideológicos perpetuados y tradiciones cristalizadas teniendo en vista que la lengua debe ser estudiada en su relación más estrecha con la sociedad y la cultura. Los estudios dirigidos a la Fraseología muestran la importancia de la relación entre la lengua y los aspectos socioculturales. En este sentido, el análisis propuesto contribuye para un mayor conocimiento de las marcas del léxico regional en la Chapada Diamantina-BA.

Palabras clave: Lexicología. Unidades fraseológicas. *Cascalho*.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Nosso propósito é analisar algumas unidades fraseológicas contidas no romance *Cascalho* (2011), do escritor baiano Herberto Sales (1917-1999), explicitando as marcas do léxico da Chapada Diamantina, Bahia. Sendo assim, as formações fraseológicas escolhidas da obra comportam um perfil que manifesta os costumes, as formas de pensar e agir de uma comunidade garimpeira. Revelando-se como uma fonte de informações sobre a linguagem regional que evidencia um uso particular, daqueles que compartilham o espaço do garimpo.

As unidades fraseológicas (doravante UFs) apresentadas no trabalho elencam fórmulas representativas de diálogos de seus personagens. Unidades como: “urubu que caga na cumeeira”, “um homem vale o que tem no bolso”, “tirar leite de veado na carreira”, “sofrer mais que suvaco de aleijado”, são expressões de uso cotidiano que revelam marcas linguísticas de uma comunidade e redimensiona o estudo sociocultural da região. Para analisarmos as unidades fraseológicas do romance *Cascalho*, partiremos de alguns conceitos de cunho teórico-metodológico sobre a fraseologia. Tratando, assim, da fraseologia enquanto delimitador de marcas e expressões linguísticas regionais. Em seguida, falamos do *corpus* e apresentamos uma lista de unidades fraseológicas exemplificadora da linguagem cotidiana da comunidade do garimpo, que reflete os valores, as ideologias e as tradições que especificam a identidade linguística da região. A partir dos exemplos apresentados, mostramos as relações existentes entre língua, cultura e sociedade.

Um dos recursos linguísticos utilizados pelos personagens do romance são os fraseologismos, alguns nacionalmente conhecidos e difundidos até o presente momento, outros não tão conhecidos assim. Esse aspecto do romance demonstra a criatividade do povo e sua necessidade em conceber as combinações lexicais para dar maior expressividade à língua. Com isso, produzem um tesouro vocabular ao longo da história, determinando identidades entre os falantes. Esse tesouro vai impregnando marcas socioculturais entre seus membros que se valem dessas formulações para se fazerem entendidos, ou seja, comunicar uma ideia de

forma mais intensa. Isso dá um caráter mais metafórico e emotivo à língua, logo mais rico e emblemático. Sendo assim, ocupam lugar nos estudos fraseológicos contribuindo para maior entendimento dessas expressões que se cristalizam na língua por meio da trajetória sociocultural.

2 MAIS DO QUE UMA PALAVRA: O QUE TRATA A FRASEOLOGIA

De modo geral a função da língua é comunicar, por isso, os falantes sempre e em qualquer época da história procuram expressar suas ideias, crenças, valores e emoções por meio da linguagem. Dentre muitos recursos que a língua proporciona no ato da fala, os seus usuários se valem de fraseologismos, que são unidades combinatórias para dar expressividade à linguagem (PASTOR, 1996, p. 16). Dentro dessa perspectiva, os estudos linguísticos consideram o signo linguístico como pressuposto do processo de nomeação da realidade, como aborda Biderman (1998, p. 115): “[...] o signo linguístico constitui uma unidade léxica que faz parte do patrimônio léxico-cultural herdado que o falante recebe e introjeta”. Desse modo, do processo de organização cognoscitiva nasceu o acervo verbal de um grupo social. E não apenas palavras, mas, juntamente com elas frases porque em alguns momentos da vida uma só palavra não bastava para expressividade à língua, criam-se fraseologismos.

Portanto, cada comunidade sociolinguística cultural, por meio dos processos criativos que a língua lhes permite, por indispensabilidade de comunicação, elabora designações para as coisas conhecidas, concretas ou abstratas, no seio de seu grupo. Sendo assim, o léxico obedece a essas condições. Para Vilela (1995, p. 17), o léxico obedece “[...] a condicionamentos econômicos, culturais e históricos [...]” com criações metafóricas, metonímicas, sinédoques, importação de palavras, recuperação de palavras antigas, e criação de outras. Assim, a função social da palavra, por meio de “papeis” ou atos comunicativos, tem a ver com “[...] o conjunto de direitos e deveres recíprocos que são reconhecidos implicitamente por todos os componentes de uma dada comunidade linguística e atribuídos a uma determi-

nada função social [...]” (VILELA, 1995, p. 23). Isso se aplica nas criações fraseológicas comumente utilizadas por usuários de uma língua.

Pottier (1977) definiu as *lexias*, como simples, compostas e complexas. Sendo que, as construções complexas, integrantes do *corpus* deste trabalho, são combinatórias cristalizadas, herdadas de um legado cultural que ficou registrado na memória coletiva. Existem variações dessas combinatórias, mas nunca modificações. Essas frases, nascidas no seio de uma comunidade, lexicalizaram-se devido ao uso constante e aceitação popular e são consideradas como *lexias* polilexemáticas, porque sua construção parte de uma sequência de *lexemas* que, pelo constante uso, acabou sofrendo lexicalização.

Nesse sentido, as chamadas unidades fraseológicas ou unidades lexicais complexas são o objeto de estudo da fraseologia, com isso, suas características estão no fato de que: 1) possuem coesão interna, e funcionam como categoria léxico-gramatical; 2) o sentido não depende de cada uma de suas palavras, mas do todo; 3) a significação é global, nunca em separado. Outro aspecto que deve ser considerado é que:

O léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios. Por outro lado, não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de um idioma. Aliás, o fenômeno da lexicalização de combinatórias lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável. Acresce ainda que os falantes muitas vezes discordam sobre o grau de cristalização de tais sequências. Assim, as fronteiras de demarcação do que já está estocado no tesouro lexical da língua e o que é combinatória discursiva são fluidas. (BIDERMAN, 2005, p. 747).

Significa dizer que, a fraseologia, dentro das ciências da linguagem, não possui um consenso fixo, isso porque existem muitos aspectos debatidos entre os pesquisadores da área. Esses aspectos estão em delimitar a configuração conceitual, ao se considerar a Fraseologia como disciplina com mesmo *status* da Lexicologia, como alguns advogam. Ainda existe outra discussão sobre as variações do que seriam unidades fraseológicas. Além disso, tem a problemática de que combinatórias poderiam ser ou não ser incluídas em um dicionário. Diante disso, surgem perguntas como: as expressões idiomáticas ou proverbiais deveriam entrar nos dicionários? Se permitir isso em um dicionário, pode-se também considerar metáforas e clichês? Seja como for, essas questões são a ponta do iceberg, estamos apenas apontando na amplitude dos debates em torno da Fraseologia. Ademais, isso não impede que se estude e pesquise unidades fraseológicas, ao contrário, estende o debate e ajuda a construir uma epistemologia da Fraseologia.

Corpas Pastor (1996, p. 54-61) coloca como marco dos estudos da fraseologia, enquanto disciplina científica, a década de 50 do século XX, na antiga União Soviética, com os estudos de Vinogradov. No entanto, Ferdinand Saussure, em 1916, já preconizava sobre locuções, mas não aprofundando sobre essa temática, apenas fazendo generalizações. Foi, sobretudo, seu discípulo Charles Bally que sistematizou um estudo gerador de uma teoria fraseológica. Ele é considerado o pai da Fraseologia moderna. Os russos, ao redefinirem a teoria de Bally, colocaram os estudos fraseológicos com *status* de disciplina separada da Lexicologia, formando uma escola dos estudos fraseológicos a partir de Leningrado, em 1956. Posteriormente, muitos outros teóricos contrariaram essa ideia de disciplina independente e consideraram a Fraseologia como uma subdisciplina da Lexicologia.

Corpas Pastor (1996, p. 19-33) caracteriza as unidades fraseológicas como sendo institucionalizadas, tendo frequência de uso, estabilidade, fixação, idiomaticidade, dentre outros, nos quais a autora considera que não há um consenso na hora de classificar esses fenômenos léxicos. Além disso, ela classifica as unidades

fraseológicas segundo critérios de enunciação que não iremos relacionar aqui, mas que dá a ideia de fixação pragmática.

No presente artigo, as unidades lexicais complexas comumente chamadas de unidades fraseológicas (UFs), são: “[...] sequências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas” (BIDERMAN, 2005, p. 750). De maneira geral, as unidades fraseológicas possuem maior ou menor grau de idiomaticidade e cristalização. Biderman (2005, p. 756) diz que:

[...] uma parcela das expressões idiomáticas do PB foram herdadas de nossa cultura-mãe, a portuguesa, recebidas juntamente com o patrimônio cultural que é o léxico. Contudo, dada a diversidade do meio ambiente e da sociedade brasileira comparada à portuguesa, bem como a dinâmica da língua, foram-se criando variantes do acervo herdado, ao mesmo tempo que se iam construindo criações novas.

As expressões são aprendidas no dia-a-dia, no seio da comunidade, conservando uma identidade própria. Assim, existem fraseologismos que só são reconhecidos em um estado ou região, fazendo parte do acervo lexical, da memória coletiva, por vezes não dicionarizado ou estudado. Sendo assim, seu uso corrente está no coloquial, está na boca do povo que a concebe ou transplantado para o plano literário, como é o caso do nosso *corpus* o romance *Cascalho*.

3 APRESENTANDO O CORPUS

A obra *Cascalho* foi produzida em um contexto interessante. Escrita inicialmente, para um concurso de romances, em 1942, encabeça um conjunto de obras que, juntamente com as de Jorge Amado, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, etc., perfazem livros de características regionalistas que apresentam um Brasil até então desconhecido em termos editoriais. Livros escritos pós Semana de Arte Moderna que principiam o que se cha-

mou de romance “autenticamente nacional”. Isso porque esses escritores trataram de desvendar o mundo rural brasileiro, delineando um retrato nu e cru das realidades interioranas. Apresentavam as raízes dos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos, reproduzindo a linguagem do interior na boca de seus personagens. O vocabulário nessa literatura descortinava falares rurais fidedignos transportados para o universo literário. Assim, nesse tipo de romance:

[...] a frase torna-se mais despojada, a linguagem se aproxima da língua falada, e a colocação dos pronomes demonstra que esta distância em relação às normas portuguesas visa a afirmar os usos correntes no Brasil. A variação de vocabulário é tão nítida, que o romance pioneiro foi publicado com um glossário [...] (GARCIA JR. 2011, p. 24).

O acervo linguístico catalogado no romance configura-se em um *corpus* textual amplo e representativo de uma comunidade, objetivando o uso desses dados para análise, segundo os critérios da Fraseologia. Desse modo, nos estudos fraseológicos, a descrição e/ou análise está voltada também para os interesses socioculturais relacionados à língua. Na obra *Cascalho* de Herberto Sales, Milliet já apontava para a riqueza vocabular e os horizontes de pesquisa:

Há em *Cascalho*, além do valor literário, uma importante contribuição ao estudo do vocabulário e da sintaxe de toda uma região. Do ponto de vista do estilo e da língua será talvez, esse, o melhor e mais sedutor aspecto do romance. Acontece ainda que, ao contrário do que fizeram numerosos regionalistas, não se trata, no caso, de uma anotação erudita e morta, e sim de uma penetração viva e aguda, de uma comunhão real do autor com o meio descrito. Seus garimpeiros falam e agem sem nenhum esforço dentro do desenvolvimento do tema. Não se sente a presença de um observador, de caderninho em mão a registrar palavras exóticas ou metáforas curiosas, para com a matéria-prima colhida, contar histórias

falsas, artificiais em sua trama e na psicologia dos protagonistas. (MILLIET, 2011, p. 14)

A obra possui em seu enredo conteúdo regionalista e realista das produções diamantíferas da Bahia, durante a primeira metade do século XX. Herberto Sales era um observador atento da vida social e descortina com riqueza de detalhes o cotidiano de uma cidade de Andaraí, Bahia. Por meio de pequenos enredos, informa sobre as relações de trabalho, as relações sociais, as atividades urbanas e rurais, as atividades da feira, a fauna e a flora peculiares etc., que versam sobre as várias problematizações que giram em torno do garimpo de diamantes, principalmente a exploração que eram submetidos os garimpeiros.

Estudar o vocabulário do romance *Cascalho* é constatar os diferentes momentos da trajetória de uma comunidade garimpeira, que deixa transparecer seus valores, crenças, hábitos e costumes, condicionados em diversos momentos da narrativa. Dessa maneira, o vocabulário funciona como uma recordação de realidades que mostram traços identitários de seus membros. As formulações frásicas de aceitação coletiva e tradicionais refletem a mentalidade de um povo. A história e os costumes sociais podem ser vistos por meio de expressões que proporcionam uma riqueza linguística incomensurável, o que sintetiza na língua a identidade de uma comunidade.

3.1 As unidades fraseológicas de *Cascalho*

As unidades fraseológicas apresentadas fazem parte do glossário elaborado por Ribeiro (2017), caracterizando uma fonte de informações da linguagem regional. Esses fraseologismos são apresentados da seguinte forma: classificação gramatical, significado e o contexto com abonação, indicando a localização da frase na obra. Ressaltamos que neste trabalho, apenas alguns exemplos para subsidiar a discussão. Seguem os exemplos:

AGUENTAR A TESE – loc. verb. Suportar uma situação; manter uma posição que não tem condições de sustentar.

Contexto: “Se ele não **aguentar a tese**, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é?” (SALES, 2011, p. 97).

APERTAR O CEDRO – loc. verb. Apressar o trabalho, acelerar diante dos contratemplos que podem surgir.

Contexto: “– Comigo foi pior – atalhou um mulato baixo – Eu já estava amontoando. Mas, por mais que eu **apertasse o cedro**, de dia e de noite, dobrando o trabalho, não me livrei da chuva” (SALES, 2011, p. 22).

BAMBAMBÃ, CAIXA DE FÓSFORO – O mesmo que etc. e tal.

Contexto: “[...] que seu Mansur tinha comprado a pedra de boa-fé, e mais isto, e mais aquilo, **bambambã, caixa de fósforo**, que ninguém pode adivinhar se um diamante foi roubado ou não” (SALES, 2011, p. 230).

BANANEIRA QUE JÁ DEU CACHO – Pessoa que já passou de sua melhor fase.

Contexto: “Joana é **bananeira que já deu cacho**” (SALES, 2011, p. 68).

CAFÉ DE LÍNGUA E BEIÇO MEU BOI NÃO PUXA – Café puro, sem açúcar e sem o consumo de qualquer alimento sólido.

Contexto: “[...] Agenor Cabeça-Seca perguntou: - Quer café, Filó? – **Café de língua e beíço meu boi não puxa** – Já vi que você gosta de me aporrinhar” (SALES, 2011, p. 104).

CHAVE DE DESTRANCAR DIFICULDADE – Dinheiro, capital, fortuna.

Contexto: “– Isto aqui é a **chave de destrancar dificuldade**. Vamos embora sócio!” (SALES, 2011, p. 242).

CONTRA A SORTE SÓ MESMO A MORTE – Forma figurativa para expressar que só a morte pode dar fim às riquezas, à prosperidade e à sorte.

Contexto: “**Contra a sorte só mesmo a morte** – dizia Silvério consigo próprio” (SALES, 2011, p. 85).

DAR MURRO EM PONTA DE FACA – Teimar com alguma coisa que sabe que não vai conseguir; tentar resolver algo por muito tempo e não conseguir; Cansar

de tentar resolver, em vão, um caso ou uma determinada situação.

Contexto: “– Vocês estão **dando murro em ponta de faca**” (SALES, 2011, p. 212).

DEZ RÉIS DE MEL COADO – Preço demasiado barato; preço muito baixo.

Contexto: “Quando os gringos voltarem a operar, hão de querer comprar carbonato por **dez-réis de mel coado**” (SALES, 2011, p. 293).

DIA DE SÃO NUNCA DE TARDE – Um dia que nunca chegará.

Contexto: “Você bem sabe que seu Teotônio é como qualquer outro dono de serra: fornecimento sem dinheiro com ele só no **dia de São Nunca** de tarde” (SALES, 2011, p. 188).

EM TERRA DE CEGOS, QUEM TEM UM OLHO SÓ É REI – Em meio à ignorância, quem sabe um pouco leva vantagem.

Contexto: “– O que o Marcolino teve foi oportunidade. E com mal disfarçada inveja acrescentava: – **Em terra de cegos, quem tem um olho é rei**” (SALES, 2011, p. 60).

ENSINAR TREITA A JEGUE PRETO DE BARRIGA BRANCA – Diz daquele que é afeito de artimanhas; espertalhão; ardiloso; de pessoa ardilosa cheia de estratégia.

Contexto: “Aquele negro **ensina treita a jegue preto de barriga branca**” (SALES, 2011, p. 146).

ESCOVAR URUBU NA PRAIA – Procurar uma ocupação.

Contexto: “– Que é que você quer, Justino? – respondeu o jagunço. – Vá **escovar urubu na praia**. Eu hoje não estou respeitando nem meu padrinho!” (SALES, 2011, p. 32).

ESCREVER PORTUGUÊS CASTIGADO – Caligrafia extremamente difícil de entender.

Contexto: “Valadão passou os olhos pelo papel com muitas emendas, porque **‘escrevera em português castigado**’, e não se conteve mais” (SALES, 2011, p. 272).

ESCREVEU NÃO LEU, O PAU COMEU – Ameaça a quem não cumpre bem suas obrigações; advertência para quem promete e não cumpre.

Contexto: “Você já sabe, Zé. **Escreveu não leu, o pau comeu**” (SALES, 2011, p. 56).

FAZER UM ‘O’ COM O FUNDO DE UM COPO – Aquele que não tem instrução primária; aquele que desconhece ou conhece muito mal um determinado assunto ou matéria.

Contexto: “– É analfabeto. **Não sabe fazer um ‘o’ com o fundo de um copo**. Só foi escolhido pra presidente do Conselho porque é rico. A sorte é mesma cega” (SALES, 2011, p. 64).

MAMAR EM ONÇA – Pessoa que não se deixa enganar; de muita experiência.

Contexto: “– O cabra é manhoso. É capaz de **mamar em onça**” (SALES, 2011, p. 206).

METER VERGONHA A CACHORRO – Humilhação, rebaixamento moral.

Contexto: “– Ele não teve forças, naturalmente, ninguém teria, para suportar tamanha humilhação. Foi coisa de **meter vergonha a cachorro**” (SALES, 2011, p. 159).

MORRER SEM VELA NEM SENTINELA – Morrer sem as devidas cerimônias de sepultamento.

Contexto: “Sente-se apanhado irrevogavelmente na armadilha: ia **morrer** como um bicho – **sem vela nem sentinela**” (SALES, 2011, p. 317)

MULHER DE PRATELEIRA-DE-CIMA – loc. adj. Diz-se da mulher de boa qualidade sexual.

Contexto: “De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra **mulher de prateleira-de-cima**, se depois ele vai ficar dois ou três meses tocando gloriosa em cima da serra?” (SALES, 2011, p. 97).

NO TEMPO QUE AMARRAVA CACHORRO COM LINGÜIÇA – Tempo em que as pessoas eram mais confiáveis.

Contexto: “– tendo Filó considerado que se tratava de um carbonato extra, fora vendido por 40 contos **no ‘tempo em que se amarrava cachorro com linguça’**” (SALES, 2011, p. 219).

ORISCO QUE CORRE O PAU CORRE O MACHADO

– Probabilidade de insucesso de determinado empreendimento, em função de acontecimento eventual.

Contexto: “Todo comércio é isto. De qualquer maneira – prosseguiu – **o risco que corre o pau corre o machado**. Quantas vezes um fornecedor bota um meia-praça no garimpo e, no fim de contas, o dinheiro fica todo lá?” (SALES, 2011, p. 188).

OVO DE POBRE É GORO – Situação de infortúnio; de azar; sorte contrária.

Contexto: “– Deixe de besteira – respondeu Peba – O rio só corre pra o mar... Se tivesse comprado a meia-praça, vamos fazer de conta, sou capaz de apostar como o garimpo não dava nada. Não dava nem mosquito de grão. E concluiu: – Mas não sabe que o **ovo de pobre é goro?**” (SALES, 2011, p. 113).

POBRE NA FESTA, PAU NA TESTA – Expressão que se refere a quem nunca leva vantagem na vida.

Contexto: “– O bocado não é pra quem faz – disse um dos garimpeiros que tinham chegado por último. E acrescentou: – **Pobre na festa, pau na testa**” (SALES, 2011, p. 219).

QUEM HERDA, NÃO FURTA – Quem herda qualidades, gostos ou habilidades do pai.

Contexto: “– Muito bem! Saiu igual ao pai. – Filho de peixe, peixinho é. – Quem havia de dizer que você era tão valente? **Quem herda, não furta**” (SALES, 2011, p. 48).

SATANÁS PREGANDO QUARESMA – Expressão que se refere a uma mentira contada; falatório falso; artifício enganoso.

Contexto: “– Mas... que diabo! – disse – será que você não admite o mérito combativo deste artigo? Isto que está aqui – e batia com a mão no jornal – é a verdade sobre as Lavras. – **Satanás pregando quaresma** – repetiu o telegrafista. – Não vá atrás de conversa de jornal” (SALES, 2011, p. 205).

SOFRER MAIS DO QUE SAPATILHA DE MULHER-DAMA EM CABARÉ – Passar provação.

Contexto: “Para matar o tempo, com os cobertores dobrados nas capangas, conversavam: – Aqui no Paraguai – disse Filó Finança – alugado **sofre mais do que sapatilha de mulher-dama em cabaré**” (SALES, 2011, p. 41).

SOFRER MAIS QUE SOVACO DE ALEIJADO – Passar provação.

“– Coronel... – balbuciou o garimpeiro - eu já estou saindo daqui limpo e areado. Se eu não levar minha ferramenta, vou **sofrer mais do que sovaco de aleijado**” (SALES, 2011, p. 36).

VIRAR A BOCA PRA MARÉ VAZANTE – Expressão utilizada quando alguém diz algo que pode acontecer, mas que outros não querem ou temem que aconteça.

Contexto: “[...] Mas como que tem uma coisa que me diz que vem cheia pra enrascar nossa cata. E o sócio lhe respondera: **Vire sua boca pra maré vazante, Pedro**” (SALES, 2011, p. 24).

3.2 Breve discussão analítica

A representação de cada unidade fraseológica aponta para uma relação entre língua e aspectos socioculturais, remetendo a várias facetas da vida cotidiana do interior. A língua carrega em si as concepções de mundo e revelam valores, além de ideologias. Aragão (2016, p. 39) ressalta que:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Todo ato ou todo objeto ideológico é sempre acompanhado, comentado, analisado, glosado por discurso, na medida em que a ligação que unem linguagem e pensamento é uma ligação de unicidade.

O léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

As unidades fraseológicas apresentadas podem ser analisadas além da perspectiva da Lexicologia, indo

em direção à Análise do Discurso, isso porque Cose-riu (1977) considerava que as frases feitas são influenciadas pela pragmática, percebidas como um ‘discurso repetido’ constituinte de elementos do léxico. Quando os personagens do romance evocam um provérbio, um ditado etc., eles enfatizam o seu papel social, estabelecendo qualidades negativas ou positivas. Por conseguinte, as unidades fraseológicas delineiam crenças e indicam perfis identitários. Assim, podemos constatar o quanto a pobreza é evocada: “ovo de pobre é goro”, “sofrer mais que suvaco de aleijado”, “chave de destrancar dificuldade”, as quais apontam para a condição social dos indivíduos que fazem parte das camadas mais populares, que cotidianamente lutam pela sobrevivência.

As posições sociais determinam as falas, os discursos: hierarquia, submissão, humilhação, desqualificação, censura, etc. O contexto do romance é de uma sociedade patriarcal rigidamente controlada por uma elite e altamente conservadora, na qual o autoritarismo está impregnado em todos os lugares e isso está incluído na fala. Portanto, um provérbio, um ditado, uma parêmia é uma prática discursiva repetida carregada de ideologia. Sobre prática discursiva, Foucault (2008, p. 133) diz que é:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

O poder/função de um provérbio, de tantas evocações que podem remeter, traz um juízo de valor sobre aquilo que está se referindo. Assim, por exemplo, podemos ver sobre a condição da mulher nas unidades fraseológicas. Decerto, essas formações frásicas são de escolhas e necessidades culturais e linguísticas, reflexos cristalizados da sociedade ocidental. Vejamos: “mulher de

prateleira de cima” e “bananeira que já deu cacho”, são formações que sustentam uma imagem da mulher que ressaltam a sexualidade por meio de metáforas que evocam uma planta, a bananeira, e um objeto, seja lá qual for esse objeto. Se a mulher é fisicamente atraente é “da prateleira de cima”, onde ficam os objetos mais caros, se não for é “da prateleira de baixo”, pois está implícito um não dito na frase, que, aquelas que são “desejáveis sexualmente” podem estar na prateleira de cima como um objeto, disponíveis para serem ‘compradas’ e ‘usadas’. Na outra formação, se a mulher não estiver no auge de sua sexualidade e saúde feminina é “bananeira que já deu cacho”. Constatamos que essas duas unidades fraseológicas estão carregadas de conotações negativas, depreciativas sobre a imagem da mulher naquela sociedade de cultura enraizada no patriarcalismo.

Dessas unidades podemos montar alguns quadros informativos que refletem sobre as condições socioeconômicas, sobre a escolaridade e a sabedoria adquiridas de seus falantes. Esses quadros configuram apenas exemplificações de análise para um trabalho de maior envergadura, uma dissertação.

Quadro 1: Unidades fraseológicas relacionados a condições socioeconômicas

SENTIDO ESSENCIAL	UNIDADE FRASEOLÓGICA
O dinheiro como superação da pobreza	Chave de destrancar dificuldade
Preço barato para o produto do garimpeiro	Dez réis de mel coado
Morrer sem condições de sepultamento	Morrer sem vela nem sentinela
Pobre não tem sorte com nada	Ovo de pobre é goro
Pobre só se dar mal	Pobre na festa, pau na testa
Condição de infortúnio cotidiano	Sufrer mais do que sapatilha de mulher-dama em cabaré
Condição de infortúnio cotidiano	Sufrer mais que sovaco de aleijado cotidiano

Quadro 2: Unidades fraseológicas relacionados a escolaridade

SENTIDO ESSENCIAL	UNIDADE FRASEOLÓGICA
Semianalfabeto	Escrever português castigado
Analfabeto	Fazer um ‘o’ com o fundo de um copo

Quadro 3: Unidades fraseológicas relacionados a atribuições astuciosas

SENTIDO ESSENCIAL	UNIDADE FRASEOLÓGICA
Ser mais esperto que outros	<i>Em terra de cegos, quem tem um olho só é rei</i>
	<i>Ensinar treita a jegue preto de barriga branca</i>

As unidades fraseológicas apresentadas revelam este-reótipos, implícitos e explícitos da comunidade linguística que faz uso deles. A linguagem utilizada em uma comunidade torna-se uma representação daquele mundo em particular e o elemento cultural faz com que se criem, no dizer de Biderman (1998, p. 11), os ‘rótulos’ aceitos pelos usuários. Esses rótulos são peculiaridades linguísticas, logo o processo de nomeação por atos cognoscíveis da realidade e a categorização da experiência é conhecido por aqueles falantes. Dessa forma, as UFs estão relacionadas com as crenças, os valores, as atividades e as manifestações de uma sociedade. Assim, as palavras vão surgindo para preencher necessidades linguísticas, assegurando a comunicação do grupo em redes de significações dadas à realidade presente, partindo do pressuposto de que a semântica desse vocabulário específico respaldará as situações de comunicação.

Esse entrelaçamento entre léxico, cultura e sociedade congrega um papel importante no funcionamento de uma língua, pois molda realidades em contínua construção, já que a cultura é dinâmica e a sociedade avança através da história; e dos valores, dos sentimentos, dos costumes etc., que são revelados por meio da linguagem, desvendando interpretações sobre o lugar onde a língua está vinculada (RIBEIRO, 2017). Portanto, as unidades fraseológicas aqui elencadas configuram-se como reflexo das ações e reações de uma comunidade, sendo um produto de sua própria história, uma testemunha que está na ‘ponta da língua’ daqueles que a utilizam. Assim, a fraseologia vernácula possui elementos de estudo por conservar evidências socioculturais de cada povo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As UFs registradas na obra *Cascalho* (2011) foram retiradas pelo olhar observador de seu escritor e mostra a cultura popular em suas raízes linguísticas, atestando a importância da tradição popular. Com isso, as marcas do regional são constantes, coexistindo a estreita ligação entre língua, cultura e sociedade.

As fraseologias constituídas são utilizadas em diversos contextos que podem trazer em discussão valores morais, questões ideológicas e manifestações socio-culturais. As tradições que cada comunidade carrega ao longo de sua história um legado por meio do signo linguístico ligado aos aspectos da região. Quando observamos essas UFs vemos o retrato de um tempo, um mundo rural, interiorano e de pessoas de classe social desfavorecida. A UF imprime marcas do popular regional, apontando para a riqueza cultural e linguística que possuímos. Ademais, essas combinações fixas espelham a mentalidade de um povo. São portadoras de visões de mundo e das vivências cotidianas da experiência em sociedade.

Por conseguinte, essas formações fraseológicas colhidas no romance possuem uma carga cultural muito forte relacionada ao modo de vida desse povo. Chama atenção as formações ligadas à pobreza, ao analfabetismo, à visão tradicionalista a respeito da mulher, aos valores ideológicos em relação à posição social. Sendo assim, o comportamento linguístico é revelador do modo de tempo de existência da sociedade em que foram registradas as UFs. A região do garimpo, onde se passam os eventos do romance *Cascalho* (2011), elabora lexicalmente seu universo, pondo marcas socioculturais que fazem distinção de outros falares, de outras regiões brasileiras. Sendo por vezes expressões particulares quase que restritas da Chapada Diamantina-BA.

Portanto, a língua configura-se como o elo entre a cultura e a sociedade, sendo evidente que a língua guarda

e representa as atividades humanas, deixando transparecer todos os valores, ideologias, tradições etc., perpetuando por meio dos signos todos os aspectos da vida de uma comunidade. Desse modo, consideramos que essa pequena amostra das unidades fraseológicas encontradas no romance *Cascalho* (2011) demonstra a riqueza lexical de tradições conservadoras encontradas na Chapada Diamantina-BA, o que pode suscitar outros estudos de cunho lexicológico e lexicográfico dado à profusão do conhecimento lexical dessa parte da Bahia.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, Daniela de Souza Silva, BENÇAL, Dayme Rosane (Org.). *Nos caminhos do léxico*. Campo Grande: UFMS, 2016. p. 33-49.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G. et al. (Org.) *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747-757.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 11-20.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

CORPAS PASTOR, Glória. *Manual de fraseologia espanhola*. Madrid: Gredos, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARCIA JR, Afrânio. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. *Antropolítica*, Niterói, n. 30, p. 21-47, 1 sem 2011.

MILLET, Sérgio. Nota à 3ª edição. In: SALES, Herberto. *Cascalho*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 13-14.

POTTIER, Bernard. *Linguística general: teoría y descripción*. Tradução de Maria Victoria Cantalina. Madrid: Gredos, 1977.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. *Estudo do vocabulário regional constante em Cascalho de Herberto Sales*. 2017. 140 f. (Monografia) - Especialização em Estudos Linguísticos e Filológicos, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Educação e Ciências Campus XIII, Itaberaba, 2017.

SALES, Herberto. *Cascalho*. 11. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

VILELA, Mário. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

OS AUTORES

Antonio Marcos de Almeida Ribeiro Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS); Especialista em Estudos Linguísticos e Filológicos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIII); Graduado em Pedagogia e História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIII). E-mail: macribial@yahoo.com.br.

Liliane Lemos Santana Barreiros Professora responsável pela disciplina Língua, cultura e sociedade no Mestrado em Estudos Linguísticos em que o artigo foi desenvolvido; Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora com Adjunta em regime de Dedicção Exclusiva, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS); Coordena o Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (neiHD/UEFS). E-mail: lilianebarreiros@uefs.br.

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz Orientadora de Antonio Marcos de Almeida Ribeiro; Pós-doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora Plena, em regime de Dedicção Exclusiva, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS); Coordena o Núcleo de Estudos do Manuscrito (NEMa/UEFS). E-mail: rcrqueiroz@uol.com.br.

